FPF_OPF_07_040

1. Quem é Paulo Freire no atual contexto educacional Brasileiro?
2. O que é ser um trabalhador do ensino no Brasil de hoje?
3. Como vai a escola pública?
4. Como você está vendo o processo de municipalização do ensino em todo o país? Aspectos: privatização do ensino, clientelimos político, dupla gerência de recursos humanos, qualidade do ensino descentralização "às avessas".
5. Existe "algo" na escola formal vigente que pode ser aproveitado?
6. A trasnformação da sociedade passa pela escola? Até que ponto?
7. Como você vê a escola de tempo integral?
8. Qual é o papel do educador consciente da realidade e que se sabe agente transmissor de ideologia?
9. BH: eleições diretas para diretor e vice. Quais seriam os princípios dessa eleição?
10. A principal polêmica tem sido o critério do voto universal contra o voto qualificado. Qual sua posição sobre isso?
    Obs.: voto qualificado como tática e não como princípio.
11. Dê-nos um enfoque das escolas de SP e a perspectiva do PT administração municipal para essas escolas?

1. Não me sentiria à vontade falando de mim mesmo e situando-me no atual contexto educacional brasileiro. A única afirmação que posso fazer sem cair na imodéstia lamentável ou na mais lamentável ainda falsa modéstia, uma forma "sem vergonha" de ser imodesto, é a de que venho sendo um educador vivo, presente, no contexto educacional brasileiro. Isto me basta.

2. Não há um trabalhador do ensino, no Brasil ou em qualquer sociedade, como algo abstrato, universal. O trabalhador do ensino, enquanto tal, é um político, independentemente de se é, ou não, consciente disto. Daí que me pareça fundamental que todo trabalhador do ensino, todo educador ou educadora, tão rapidamente quanto possível, assuma a natureza política de sua prática. Defina-se politicamente. Faça a sua opção e procure ser coerente com ela.
Desta forma, o que é ser um trabalhador do ensino hoje no Brasil depende da sua posição político-ideológica, clara ou não. De se é progressista, com este ou aquele matiz, de se é conservador ou reacionário, por ingenuidade ou convicção.
Não é fácil perfilar o educador progressista ou o reacionário sem correr o risco de cair em simplismos. Situando-me entre os educadores e as educadoras progressistas do Brasil, hoje, diria que nos assumir assim significa, por exemplo, trabalhar lucidamente em favor da escola pública, em favor da melhoria de seus padrões de ensino, em defesa da dignidade dos docentes, de sua formação permanente. Significa lutar pela educação popular, pela participação crescente das classes populares nos conselhos de comunidade de bairro, de escola. Significa incentivar a mobilização e a organização não apenas de sua própria categoria mas dos trabalhadores em geral como condição fundamental da luta democrática com vistas à transformação necessária e urgente da sociedade brasileira.

3. As forças e o poder reacionários deste país enfermaram a escola pública. A política educacional dos governos militares se orientou no sentido da privatização do ensino, a que correspondia um descaso indiscutível pelo ensino público, representado, também, na falta de respeito à figura da educadora e do educador.
A política de privatização do ensino obviamente afetaria, em cheio, os interesses das classes populares, uma vez mais pagando o conforto e as regalias das chamadas favorecidas.
É interessante observar o movimento que uma mesma geração que se matricula num certo ano nas escolas de primeiro grau no país pode fazer.

Em primeiro lugar, consideremos o número assombroso de crianças em idade esolcar que "ficam" fora da escola. Na verdade, não ficam fora da escola, como se ficar ou entrar fosse uma questão de opção. São proibidos de entrar, como mais adiante muitas das que conseguem entrar são expulsas e delas se fala como se tivessem se evadido da escola. Não há evasão escolar. Há expulsão.

Em segundo, consideremos o número das crianças populares que entram ou que não são proibidas de entrar na escola pública e o número destas que conseguem passar do primeiro ano para o segundo e deste para o terceiro do primeiro grau.

Pensemos também, no número dos jovens e das jovens das classes populares que fazem o chamado supletivo de forma precária em cursos noturnos, na sua grande maioria pagos.

Os meninos e meninas das classes médias da mesma geração percorrem o seu curso de 1º e 2º graus em escolas pagas, exigentes, e, ao chegar o momento de engressar na Universiade, fazem revisões de conhecimentos e capacitação em "cursinhos" para submeter-se ao vestibular.

Neste exato momento, as que podem pagar e cursaram escolas privadas caras, vêm para as Universidades gratúitas federais e estaduais. Os poucos jovens pobres que conseguiram, a duras penas, chegar ao fim dos cursos médios, não podendo competir com os outros, não têm outro seio onde se abrigar, senão o das Faculdades caras, quase sempre sem rigor nenhum.

A escola pública não anda bem, não porque faça parte de sua natureza não andar bem, como muita gente gostaria que fosse e insinua que é. A escola pública básica não anda bem, repitamos, por causa do descaso que as classes dominantes neste país têm por tudo o que cheira a povo. Por isso enfatizei na resposta anterior a necessidade de lutarmos por ela, os educadores e as educadoras progressistas.

4. Toda vez que penso em municipalização o que me anima centralmente e me põe de imediato a favor do processo é exatamente o que pode haver nele [e porque devemos nos bater] de democrático, de descentralizador, de anti-autoritário.

Para mim, argumentos às vezes corretos, válidos, perdem sua validade porque deveriam ser levantados, não contra ela, mas contra possíveis distorções dela.

As vezes se fala da municipalização como se ela tivesse uma certa natureza imutável que necessariamente criasse e estimulasse, por exemplo, o "caciquismo" ao nível da luta política ou a visão e a prática anti-dialéticas do "focolismo" ao nível da educação. Na verdade, a política clientelista, caciquista, autoritária não está esperando pela municipalização para existir. A visão focalista tampouco.

O argumento, por outro lado, de que as comunidades municipais não têm competência, quer dizer, não têm gente competente para gerir seus negócios no campo da educação, da cultura, da saúde, etc. também não vale. É coisa óbvia que haja carência das áreas municipais, mas é óbvio também que, tendo de enfrentar suas dificuldades, elas as superarão e só as enfrentando aprenderão a marchar.

O que se imporia era um esforço de colaboração efetiva do governo Central e dos governos estaduais bem como uma política de intercâmbio entre municipalidades.

Numa sociedade como a nossa, em que o autoritarismo corta as classes sociais, (entre nós é tão autoritário o acadêmico arrogante que olha os demais de cima e de longe quanto o porteiro que toma conta daq porta de entrada da sala professores numa noite de conclusão de cursos universitários) todo esforço nosso em favor das práticas democráticas é importante.

5. Sim. A seriação escolar, por exemplo. A integração vertical e horizontal dos conteúdos, a co-educação em todos os níveis.
Seria urgente, porém, superar o sentido propedêntico da seriação - o ensino do primeiro grau preparando para o do segundo e o deste para o terceiro.
Cada província de ensino deveria propor uma espécie de "plenitude" em si mesma de tal modo que, quem fizesse o primeiro grau, apenas, bem feito, se sentisse capaz de mover-se com os conhecimentos dele recolhidos e não sentir-se frustrado por se haver experimentado num tempo de preparação para algo que não ocorreu.

6. Tenho dito, desde faz muito tempo, que a educação não é a alavanca para a transformação da sociedade porque poderia ser. O fato porém de não ser, porque poderia ser, não diminui a sua importância no processo. Esta importância cresce quando, no jogo democrático, partidos progressitas alcançam o governo e, com ele, uma fatia do poder. Neste caso, tudo o que for possível fazer de forma competente, para introduzir mudanças democráticas no aparato escolar deve ser fetio. Formação permanente das educadoras, sem manipulação ideológica mas com clareza política, deixando iluminada a opção progressista da administração. Reformulação do currículo, participação popular na vida da escola-associações de pais, conselhos de escola etc .
Se a escola, de corte burguês, se preocupa apenas com o ensino autoritário dos conteudos, ocultando, no processo, razões de ser de fatos ou falando de falsas razões deles, numa escola de governo progressista se torna imperioso o ensino dos conteúdos, a que se junte a leitura crítica e desocultante da realidade.
Finalmente, só numa compreensão dialética da relação escola-sociedade é possível não só entender, mas trabalhar o papel fundamental da escola na transformação da sociedade.

7. Há dias passados, noutra entrevista, recebi pergunta semelhante. Vou me dar o direito de, mais uma vez, repetir-me um pouco. Não me parece possível pensar a prática educativa, portanto a escola, sem pensar a questão do tempo, de como usar o tempo para aquisição de conhecimento, não apenas na relação educador-educandos, mas na experiência inteira, diária, da criança na escola. Em excelente dissertação de mestrado, a professora pernambucana Eliete Santiago, hoje secretária de educação da cidade do Cabo, próxima ao Recife, analisou, recentemente, com lucidez, o uso do tempo, na escola, contra a criaça popular.

A escola progressista séria não pode estragar o tempo, botar a perder o tempo de a criança conhecer. Mas, só a partir, me parece, de um limite mínimo de tempo para a prática escolar é possível pensar em como usá-lo de forma produtiva. Este limite mínimo para mim é de quatro horas. Não vejo como trabalhar eficientemente com turnos de três horas.

Neste sentido, uma escola formalmente chamada de tempo integral pode desperdiçar o tempo, do ponto de vista aqui discutido. A designação tempo integral em si não faz milagre. É preciso saber o que fazer do tempo...

8. Acho que o papel de um educador conscientemente progressita é testemunhar a seus alunos, constantemente, sua competência, amorosidade, sua clareza política, a ocerência entre o que diz e o que faz, sua tolerância, isto é, sua capacidade de conviver com os diferentes para lutar com os antagônicos. É estimular a dúvida, a crítica, a curiosidade, a pergunta, o gosto do risco, a aventura de criar.

9/10.

Eleição é eleição. Voto é voto. Às vezes tenho a impressão de que em nome de um certo realismo político, por exemplo, "se houver eleição agora, vão votar num malufista", o que se nega é a democracia mesmo. Este é o argumento de muita gente no Brasil. É um argumento elitista e autoritário com ares de realista. Pois eu prefiro ser "ingênuo" e acreditar que não se faz democracia autoritariamente.

11. Posso dizer alguma coisa sobre as escolas da Rede Municipal de São Paulo. São 654. Destas, 55 recebemos em estado deplorável. Tetos caindo, poças d'água enormes nas salas, fiação desnuda, fossas entupidas, ratos ameaçadores, apesar da reclamação que suas diretoras faziam desde começos do ano passado. Um descalabro, afinal.

Mas, se o estado calamitoso alcança 55, isto não significa, de modo nenhum, que as demais estejam todas em excelente forma. Todas elas exigem trabalhao imediato de conservação para que não

comecem a alcançar níveis de profundo estrago.

Recebemos a Rede escolar da cidade de São Paulo revelando as marcas de uma administração que não apenas descuidou, mas intimidou e violentou as consciências de educadoras, de serventes, de todos. Erundina encontrou a Prefeitura endividada, as obras suspensas, os empreiteiros sem receber dinheiro desde meados do ano passado e a direita a acusa de incompetente porque as obras estão paradas...

Na Secretaria de Educação, ao lado da luta imediata para a recuperação das escolas desfeitas (e sem dinheiro) teríamos, fieis à opção de nosso partido, de começar a pensar em reinventar a escola. E- mudar sua cara. Para isto, teremos que reformular o currículo e, nisto, já estamos trabalhando. Por causa disto, por outro lado, temos também que repensar a administração, melhorar os meios de comunicação entre os vários setores, pondo-os todos a serviço da escola, que é o espaço fundamental da Secretaria, em que a prática pedagógica se dá.

Estamos todos empenhados na luta por uma escola pública municipal competente, em que as crianças percebam - vivendo - que estudar é tão sério quanto prazeroso.

Março 1989
Paulo Freire